

Abertura comercial é tarefa difícil para o governo

Sérgio Costa

Uma das promessas incluídas no programa econômico de Collor de Mello tem a capacidade de agradar tanto ansiosos consumidores da classe média brasileira quanto sisudos tecnocratas do Banco Mundial, FMI e Gatt: a abertura da economia brasileira, com redução do imposto de importação e suspensão de proibição de compras de produtos estrangeiros. Na fantasia do brasileiro que não pode pagar um sobrepreço de até 85% em produtos como videocassetes, automóveis e cosméticos, essa abertura poderia permitir a compra de artigos só encontráveis em *free shops*.

Os organismos internacionais que criam normas para o comércio e finanças no mundo ocidental acham sedutores os conceitos do livre comércio. O problema é que esta nova abertura dos portos brasileiros às nações amigas pode demorar um pouco mais do que se pensa. Para satisfazer sonhos de consumo do brasileiro falta um ingrediente essencial ao país: dinheiro. Mais precisamente, dólares. A limitação é óbvia: em março o Brasil deverá ter em caixa pouca coisa a mais do que os US\$ 7,2 bilhões que estará devendo de juros atrasados aos bancos estrangeiros. A diferença não basta para sustentar as importações de uma economia menos fechada e ansiosa por comprar. Isto desaconselha taxar menos agora os produtos importados e desmontar outros mecanismos de proteção que para o consumidor representam distorções, como uma sobretaxa de 85% para as importações de aguardente de

cana. É bem verdade que ninguém no seu juízo perfeito pensaria em importar cachaça.

Protecionismo — Nos organismos internacionais de comércio, os diplomatas brasileiros estão acostumados a ouvir a reclamação de sempre dos parceiros: a economia brasileira é a mais fechada do mundo. De fato. O economista Reinaldo Gonçalves, da UFRJ, especialista no tema, observa em um estudo recente que o Banco Mundial registrou um imposto médio de 46% para produtos manufaturados nas tarifas aduaneiras. Para importar algum produto no setor de fumo, por exemplo, a tarifa média é de 85%. No vestuário e nos têxteis, a média fica em torno de 78%. Na área de eletrodomésticos, a sobretaxa é de 50% a 60%. Para o consumidor brasileiro (à exceção daqueles mais beneficiados), trata-se de uma barreira intransponível.

“Grande parte dos setores protegidos tem um *lobby* muito grande”, acentua Gonçalves. Ou seja, empresas nacionais que dominam o mercado preferem ficar nesta boa vida de não enfrentar a competição de produtos estrangeiros. Mas existem barreiras mais eficientes que o imposto. Com o nome de mecanismos não-tarifários suspendem-se temporariamente as guias de importação, criam-se exigências de financiamento externo para comprar determinados produtos (como bens de capital) e existe até uma lista de produtos cuja importação é literalmente proibida (são 1.931 no Anexo 3 da Cacex). Isto sem falar no caso dos computadores pessoais, que não estão nesta lista. A compra no exterior é proibida por lei.

Cartéis — O Banco Mundial registra que na lista de importações proibidas há 39% dos produtos cerâmicos (como azulejos), 33% de equipamentos de transporte (incluindo veículos de passeio), 43% dos têxteis e 83% dos produtos de vestuário. Além disso, o consumidor brasileiro também tem o acesso barrado a 67% dos itens disponíveis em mobiliário. O economista da UFRJ explica que grande parte dos setores protegidos é formada por poucas empresas que dominam o mercado: para se liberar a economia é preciso tomar medidas contra a cartelização.

“O Brasil ainda tem as tarifas mais elevadas do mundo”, completa o ex-secretário-executivo da Comissão de Política Aduaneira (CPA), José Tavares de Araújo. Ele diz que as duas reformulações das tarifas alfandegárias no país nos últimos anos não chegaram a trazer consequências práticas — “foram importantes, mas são medidas prévias” —, e defende alíquotas mais elevadas para bens de luxo, equipamentos de alta tecnologia (para proteção do desenvolvimento da indústria nacional) e setores mais defasados tecnologicamente.

Contra-pé — É aí que entra um outro lado da abertura da economia: se o remédio não for bem dosado, em vez de modernizar a economia brasileira e beneficiar os consumidores pode destruir empresas brasileiras. A Argentina nos anos 70 fez um desastrado programa de abertura da economia e provocou falências e desemprego.

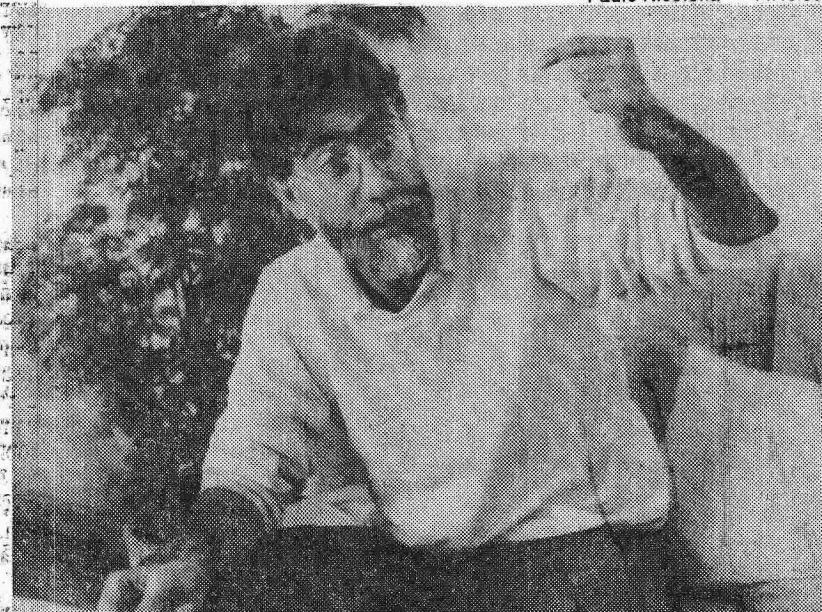
De início, porém, sabe-se que um menor fechamento do país a produ-

tos estrangeiros significa tempos difíceis para a indústria de eletrodomésticos, de som e vídeo, por exemplo. A relação também inclui, é claro, a indústria automobilística, que no Brasil ainda não teve que competir com fabricantes japoneses. A vinda da Toyota é uma ameaça sempre feita em época de grande aumento de preços, mas nunca executada.

Mas existem problemas concretos. O supermercadista Arthur Sendas, que comanda uma rede com 49 lojas, acha que abertura da economia poderia afetar diretamente muitas empresas da área de alimentação, mas isto poderia beneficiar o consumidor brasileiro. E feita de forma aleatória, poderia colocar indústrias numa verdadeira armadilha. Um exemplo é o setor de higiene e limpeza, que só pode comprar seus insumos internamente a preços impostos por fornecedores que controlam o mercado brasileiro. Se tivessem que enfrentar a competição do produto importado, sem poderem importar insumos, as empresas do setor certamente não suportariam.

O novo governo terá que fechar o quebra-cabeças de abrir a economia, conseguir dólares suficientes para pagar os credores e separar os setores que ainda precisam de proteção daqueles que apenas lucram com o mercado fechado. Mas, a dúvida mesmo é saber que dificuldade de competição têm os fabricantes de bananada, goiabada e marmelada no país, já que esses produtos, quando importados, pagam uma taxa de 40%. Ou dos perigos do brasileiro começar a gostar de cavaquinhos importados, que atualmente merecem uma tarifa de 20%.

Paulo Nicoletta — 14.10.85



Gonçalves: setores protegidos têm um lobby forte

Alíquotas de Importação

Produto	%
bananada, goiabada e marmelada	40
aguardente de cana	85
cigarros	85
chuveiro	50
fogão	50
abajur	40
videocassete	60
televisão	50
panela	40
cavaquinho	30

